

Qualidade de vida seduz

Os “estrangeiros” reclamam, mas acabam seduzidos pela qualidade de vida. Brasília oferece — *mordomias* que talvez Millôr Fernandes não conheça tão bem quanto quem vive na capital.

“Aqui se pode realizar uma agenda impossível de cumprir em São Paulo e no Rio”, proclama o mais recente fã da cidade, o deputado federal Fernando Gabeira (PV-RJ).

Além de sair de casa dez minutos antes de qualquer compromisso e nunca chegar atrasado, Gabeira pode se dar ao luxo de almoçar em casa e cumprir alguns percursos de bicicleta, longe de qualquer engarrafamento.

“Em comparação com Washington e outras cidades grandes, o trânsito aqui é uma tranquilidade”, defende a jornalista e pesquisadora norte-americana Patrícia Aufderheide, que desembarcou há seis semanas na cidade.

Conforto — Instalada na QI-15 do Lago Sul com o marido Stephan e os filhos Elias e Gabriel, Patrícia já foi seduzida pela “vida confortável e ecologicamente saudável” da capital brasileira.

Para quem acha Brasília uma passadeira, Patrícia responde com o que já pôde conferir em pouco mais de um mês: “A cidade oferece dez

vezes mais coisas para se fazer do que eu poderia aproveitar”.

Ainda que não leve uma vida de monge, a funcionária da UnB Agatha Guerra não trocaria a tranquilidade de sua quadra, a 416 Norte, por um apartamento em Copacabana.

“Aquilo lá é o caos”, diz, e exemplifica: “Aqui ainda se pode usufruir da madrugada sem tantos problemas”.

Amostra — Agatha defende com tanta veemência a qualidade de vida da cidade que resolveu exportar uma amostra. Vai enviar para uma amiga que está no Japão algumas ampolas de conteúdo inusitado: “O ar de Brasília, o melhor do mundo”.

Ela compartilha com os migrantes a fé no “eldorado” de Dom Bosco. “As pessoas vêm para cá porque sabem que aqui tem bons serviços de saúde e educação”, garante.

Para os forasteiros desavisados, outro atrativo é o nível ainda tolerável de violência. “É bem mais baixo que o de outra cidade grande”, comenta Fernando Gabeira, distante dos fuzis AR-15 e submetralhadoras que povoam os morros do Rio.

“O melhor é ter o sossego e as facilidades de uma cidade pequena com as opções de um grande centro. É muito bom viver aqui”, resume Lília Innecco.